

Areias...

Rangel:

Não se aprende, senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

Você que já leu o Camões inteiro diga lá se ha nele coisa melhor que esta_ mais sabia, mais profunda, mais “pedagogia moderna”. Reduz tudo ao *ver, fazer e insistir*. Ao ler no livro da vida, em vez de nos de papel. Ao ver com os nossos olhos, em vez de com os olhos dos outros. Ao pensar com a nossa cabeça, em vez de pensar plagiariamente.

E parece que Camões escreveu esses tres versos para nós dois, Rangel. Nosso mal é que já apuramos o nosso instrumento de expressão, já sabemos jogar um periodico para o ar e ve-lo, qual um gato, cair sobre os quatro pés. Pegamos toda a tecnica do escrever e educamos o nosso senso de observação_ mas vivemos embolorados dentro de caixas. Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu eja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro de caixas?

Estamos como iças que derrubam as asas e afundam no buraquinho. O destino me deu este buraquinho de Areias e a você deu o de Machado. E invejamos Loti, o homem dos mares e do Japão. E Kipling, o homem todo Indias, todo jungles, todo Himalais, todo feras. A unica fera daqui é um pobre facadista barato. “Fulano é uma fera!” diz o Julinho. E a tua fera na vida, Rangel, o teu Mugger Ghaut, é o chapadissimo Fernandes...

Somos uns pelicanos, Rangel. Vivemos a arrancar penas, carne e coisas de nós mesmos para que não morram os nossos pobres filhinhos literarios. Os artistas subjetivos que só tiram de si em vez de tirar do mundo que os rodeia, ficam instrospectivos em excesso e acabam satisfazendo a um publico muito restrito: a si mesmos. Mas os artistas objetivos, os Kiplings, sugestionam e fazem estremecer de emoção grandes plateias e o aplauso da plateia é o feijão com arroz de todos os artistas.

Casados, sem fortuna, com a coleira e a corrente do “ganhar a vida” presa ao pescoço e metidos na caixa de Hansel e Grettel, de que modo atendermos ao mandamento de Camões, do “vendo, tratando, pelejando?”

LOBATO